

Florestas Daninhas do Brasil

Weed Forests of Brazil

Florestas de Maleza de Brasil

Camila Argenta

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Gabriel Pundek Scapinelli

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Trabalho submetido: 16/06/2025
Aprovado: 21/07/2025

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-Non Commercial-No Derivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>
© 2025 Camila Argenta, Gabriel Pundek Scapinelli

RESUMO

A resenha apresenta uma proposição artística: os *Rocambólides*, dispositivos paisagísticos contra-coloniais, criados pelo Grupo Fora. São intervenções em espaços públicos que funcionam como catalisadoras do crescimento de plantas consideradas daninhas. Inspirados nos *Bólides* e *Contra-Bólides* de Hélio Oiticica, os *Rocambólides* são construídos a partir de resíduos, sementes e sacos costurados que, juntos, dão forma a um corpo. A narrativa se entrelaça com o episódio de um acidente na BR-101, no Morro dos Cavalos (SC), apontando para o desenrolar de “processos” ligados à demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos. A intenção foi desenvolver um texto não linear, problematizando a noção de floresta, em diálogo principalmente com Tim Ingold e Antônio Bispo dos Santos.

Palavras-chave: TI Morro dos Cavalos, *Rocambólides*, plantas daninhas, floresta

ABSTRACT

The review presents an artistic proposition: the *Rocambólides*, counter-colonial landscape devices created by Grupo Fora. These are public space interventions that act as catalysts for the growth of plants considered weeds. Inspired by Hélio Oiticica's *Bólides* and *Contra-Bólides*, the *Rocambólides* are constructed from waste materials, seeds, and stitched sacks, which together form a body. The narrative intertwines with the episode of an accident on the BR-101 highway, at Morro dos Cavalos (SC), highlighting the unfolding of "processes" related to the demarcation of the Morro dos Cavalos Indigenous Land. The intention was to develop a non-linear text, problematizing the notion of forest, in dialogue primarily with Tim Ingold and Antônio Bispo dos Santos.

Keywords: Indigenous Territory Morro dos Cavalos, *Rocambólides*, weeds, forest

RESUMEN

La reseña presenta una proposición artística: los *Rocambólides*, dispositivos paisajísticos contracoloniales creados por el Grupo Fora. Son intervenciones en espacios públicos que funcionan como catalizadoras del crecimiento de plantas consideradas malezas. Inspirados en los *Bólides* y *Contra-Bólides* de Hélio Oiticica, los *Rocambólides* están contruidos a partir de residuos, semillas y sacos cosidos que, juntos, dan forma a un cuerpo. La narrativa se entrelaza con el episodio de un accidente en la autopista BR-101, en el Morro dos Cavalos (SC), señalando el desarrollo de "procesos" vinculados a la demarcación del Territorio Indígena Morro dos Cavalos. La intención fue desarrollar un texto no lineal, problematizando la noción de floresta, en diálogo principalmente con Tim Ingold y Antônio Bispo dos Santos.

Palabras clave: Territorio Indígena Morro dos Cavalos, *Rocambólides*, malezas, florestas

Camila Argenta é artista e produtora, mestranda em Processos Artísticos Contemporâneos do PPGAV da Universidade do Estado de Santa Catarina.

<https://orcid.org/0009-0004-9939-9257> | quebraventosmodosdefazer@gmail.com

Gabriel Pundek Scapinelli é marceneiro envolvido em processos de artes, artista envolvido em processos paisagísticos, paisagista envolvido em processos educativos, educador envolvido em processos artesanais. É doutorando em poéticas visuais na Unicamp.

<https://orcid.org/0009-0009-8459-7978> | gabrielpundek@gmail.com

A montanha e o acidente

Era um domingo, seis de abril. Um passeio até a Guarda do Embaú, nas proximidades de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina. No caminho de retorno, madeireiras, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, os pontos de parada para descanso e lazer, em uma região com intenso fluxo turístico, indústrias, depósitos e comércios de beira de estrada. A mata atlântica, na transição entre serra e a planície costeira, com alguns remanescentes de restinga arbórea. A montanha foi se aproximando. Aquele microclima. A mudança da luz e da temperatura. Lugar singular. Lembrava do texto de Antônio Bispo dos Santos, de sua morte também, do trecho que falava sobre os caminhos da aldeia e do quilombo, das relações de convívio:

Nós nas aldeias e vocês nos quilombos fazemos uns caminhos que às vezes não têm nem um metro de largura. E por esses caminhos passam os animais, as onças, os tatus, as pessoas. Todos os viventes do ambiente passam por esses caminhos sem conflito, sem se atacarem. (Bispo dos Santos, 2023, p. 58)

Na subida, lenta, em marcha reduzida, um túnel de floresta ombrófila densa. As quedas d'água, ali, visíveis da/na rodovia. Os ramos da montanha, grande manancial que, na sua completude, costeiam o mar e desaguam. O caminhar da malha viva de trajetos, como diria Tim Ingold. Nessa linha do tecido, da “malha”, as barras se descosturam e as barreiras caem, invadem a galeria de veículos, desmancham o contorno e preenchem o espaço.

Pense nas trilhas reticulares deixadas por pessoas e animais à medida que eles seguem sua vida na casa, vila e cidade. Capturados nesses múltiplos emaranhados, cada monumento ou prédio é mais “arqui-textural” que arquitetônico. Apesar de sua aparente permanência e solidez, eles também têm uma *ecceidade* que é sucessivamente experimentada nos panoramas, oclusões e transições que se desenrolam ao longo da miríade de caminhos tomados pelos habitantes...

À medida que a vida dos habitantes vai transbordando para jardins e ruas, campos e matas, o mundo vaza para dentro do prédio, produzindo ecos de reverberação e padrões de luz e sombra característicos. É nesses fluxos e contrafluxos, serpenteando através ou entre, sem começo nem fim – e não enquanto entidades conectadas com limites interiores ou exteriores. (Ingold, 2012, p. 11)

Como em uma cena de filme, meticulosamente construída, o veículo de toneladas esbarra no *guard-rail* em uma velocidade e angulação determinada, subindo lentamente sobre o metal de proteção, deslizando com exatidão, em uma manobra coreografada. O corpo imenso do caminhão se inclina e a carroceria tomba. No mesmo instante, o tanque rompeu. O estrondo, a pancada. O caminhão-pipa tombando na curva, raspando o asfalto como se tivesse sido guiado por linhas traçadas com régua sobre um mapa de tragédias. O ruído intenso e contínuo daquele peso. No horizonte dele, a explosão, a chama, o ser-fogo, com sua velocidade a olhar de cima. No rastro do líquido derramado, o combustível escorria no asfalto engolindo tudo. A estrada virava um beco. Uma emboscada. Os carros ficaram encurralados pelo trânsito e em poucas horas as coisas encontravam-se em fuligem, destroços que formavam um novo relevo, outra curva sobre o Morro dos Cavalos.



Fig. 1 - Imagem aérea mostra dimensão do incêndio no Morro dos Cavalos após tombamento de carreta carregada com combustível. Abril 2025. Fotografia: CBMSC/ND.

Os Rocambólides

No ano de 2011, na Universidade do Estado de Santa Catarina, no curso de Artes Visuais, foi fundado um grupo de intervenções urbanas. O encontro de uma professora universitária e três estudantes do curso. O Grupo Fora dedicou-se a estudar as plantas daninhas, os terrenos baldios e o paisagismo da cidade. Atuou de forma ativa em espaços residuais da cidade, propondo reflexões sobre a propriedade e o uso social da terra a partir terrenos que denominaram de Jardins Abertos, reconhecendo nestes espaços áreas de convívio e inter-relações potentes.

Um dos primeiros trabalhos desenvolvidos pelo grupo foi chamado de *Rocambólide*, uma homenagem ao artista Hélio Oiticica e suas proposições artísticas *Bólides* e *Contra-Bólides*. “São, pois, células germinativas dos projetos ambientais” (Favaretto, 1992, p. 90), espaços poéticos tácteis, uma coleção dinamizada por suportes, composições e interações. Hélio trouxe novos sentidos à areia, à palha, às conchas, aos frascos, às garrafas, assim como à pintura. De caixas coloridas com faces móveis e compartimentos, a sacos de pano, potes de vidro, vasos de louça, preenchidos com terra, água, óleos, pigmentos, líquidos variados... *assemblages* que devem ser tocadas, abertas, manipuladas pelo público, inspiração na “ordem propositiva” de Oiticica.

É importante registrar que a definição do conceito de ordem provém da teorização do próprio artista, cuja produção, como se sabe, não visou estabelecer categorias substitutivas para a pintura e a escultura, mas fundar ordens: novas possibilidades de materializar a experiência em arte, capazes justamente de romper com comportamentos precondicionados diante da obra. (Varela, 2009, p. 18)



Fig. 2 - Grupo Fora, *Rocambólides*, setembro 2024. Unicamp, Limeira, São Paulo. Fotografia: Camila Argenta.

Propor um tipo de continuação poética, que circula, espirala, envolve, contém e rasga a trama, incorpora o molde do *contra-bólide Devolver a Terra à Terra* de 1979, que estaria ali, em pedaços, na terra, no terreno, no bairro do Caju, no Rio de Janeiro, 46 anos depois. O primeiro *Rocambólide* foi feito no aterro da baía sul, em Florianópolis. Uma proteção que se impõe como pleonasmos, como se pudéssemos envolver um pouco de tudo que nos cerca, em um processo cíclico, feito de entulhos e restos vegetais para “plantas ruderais” (do latim *rudericus*; entulho). Um corpo entulho para plantas entulho. Uma barreira física, grosseira, que impede a roçagem por parte das empresas de manutenção e limpeza da cidade, virando um elemento paisagístico urbano e insurgente, de crescimento e desenvolvimento ecológico.

A proposta é coletiva, mas também pode ser realizada individualmente. Já se articulou no formato de oficinas de arte e/ou intervenções urbanas. Os participantes têm, como ponto de partida, alguns procedimentos: caminhar, coletar aquilo que cabe na bolsa ou no bolso, anotar pontos de coleta maiores, para posteriormente buscar de carro ou de carrinho de mão. Assim, grupos de pessoas constroem os *Rocambólides* de acordo com seus trajetos e achados, o entorno, as escolhas. Com pás, enxadas e

sacos de ráfia buscam resíduos sólidos, encontram restos de poda e jardinagem de quintais e jardins privados depositados normalmente em terrenos baldios. Orienta-se que cada *Rocambólide* tenha terra, pedras, areia, palha e sementes, mas vale de tudo, de resquícios de demolição às cascas de coco verde da vendinha. Depois, costura-se um grande manto colorido feito de sacos de juta e ráfia, sacos (estes) que transportam os alimentos de caminhão pelo Brasil, ou de navio pela Terra, trazendo para o debate artístico/paisagístico a paisagem agrícola, uma trama das vistas de satélite que temos das fazendas e propriedades pelo interior do país.



Fig. 3 - Grupo Fora, *Rocambólides*, setembro 2024. Unicamp, Limeira, São Paulo. Fotografia: Gabriel Scapinelli.

Posicioná-lo no local desejado e começar a recheá-lo, para, então, enrolá-lo. O gesto de coletar, deslocar, empilhar materiais, um fazer coletivo que mobiliza histórias, afetividades e alteridades enroladas no próprio corpo do *Rocambólide*, transformando a prática em uma cartografia e a cartografia enrolada em uma prática do tempo e das disputas. Um reflexo de si sobre o entorno como *Mirrored Cubes* de Robert Morris (1965) e a impossibilidade de separar o corpo e a paisagem. Kinceler (2007) fala da forma de atuar do campo das

artes, na pretensão de gerar uma “desestabilização nas regras do jogo representacional [...] significa abrir o processo criativo a outras estratégias e táticas criativas que provoquem acontecimentos”. O *Rocambólíde* está na horta abandonada da escola, sobre o concreto das calçadas, nas terraplanagens, nos bloqueios das estradas.



Fig. 4 - Grupo Fora, *Rocambólídes*, fevereiro 2025. Unicamp, Limeira, São Paulo.
Fotografia: Julia Bravo.

Algumas semanas passam e, aos poucos, uma fina relva começa a brotar. Um banco vasto de sementes desperta — aquelas que já estavam ali, no solo, na terra árida. Não há terra revirada, queimada, aterrada ou deslocada que não as contenham. Um arranjo se forma, um buquê sintomático, um *frankenstein* ecológico, sobretudo de plantas daninhas, já adaptadas às condições adversas. As gramíneas, asteráceas, ciperáceas, entre outras famílias iniciam um processo de resiliência. Um jardim-floresta, abrindo espaço para a diversidade, a adaptação e o surgimento de combinações variadas de espécies. A forma se dá pelo próprio movimento das coisas, como diria Tim Ingold:

Eles são linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas. Portanto, quando eu falo em um emaranhado de coisas, é num sentido preciso e literal: não uma rede de conexões, mas uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento. (2012, p. 3)

Em cada *Rocambólide* há um recorte de terreno baldio, de gente, de terra, de supressão, de ruína, de jardim, de floresta, de progresso, de fracasso, de passado, de lixão, de rural, de bicho, de clandestino, de lúdico, de espera, de especulação. Um corpo que, em cada coleta, carrega a memória dessas terras sensibilizadas, traz sua carne, os processos vitais e suas transformações. Tapetes que vão receber os materiais disponíveis de espaços comuns da cidade e as sementes. As sementes daninhas. As sementes que brotam, como inço, mato, planta invasora.

Florestas Daninhas do Brasil

A expressão “erva daninha” tem uma origem linguística e histórica bastante reveladora. Em espanhol: *mala hierba*; em italiano: *malerba*; em francês: *mauvaise herbe*. O uso de termos semelhantes já estava presente no latim, na antiguidade. A exemplo: na obra *Geórgicas* (1963), um tratado poético sobre agricultura, Virgílio (70-19 a.C.) fala sobre o trabalho árduo do agricultor em manter a terra fértil, mencionando a necessidade de “arrancar as ervas que sufocam o campo” (p. 3)

Curiosamente, o termo “carpir”, tão usado popularmente para descrever o ato de arrancar o mato de um lote, sítio ou roça, também vem do latim: *carpere*, colher. Está presente na expressão *carpe diem*. Esse “aproveitar o dia”, na sua raiz, significaria “colher” o dia. Já o verbo *carpitur* (forma passiva de *carpere*) carrega o sentido de processar lentamente um fardo, poderia, em determinados contextos, ser tristeza, saudade, luto, raiva ou mesmo uma vida de pobreza e trabalho. Neste andamento, o autor Bispo dos Santos (2018), em sua análise, cita a Bíblia, em Gênesis:

Deus Jeová disse ao homem: por que tu me desobedeceste? A terra será maldita por tua causa. Tu haverás de comer com a fadiga do suor do teu rosto. A terra te oferecerá espinhos e erva daninha. E todos os teus descendentes serão perpetuamente amaldiçoados”. Nesse momento, esse deus da Bíblia do colonialista – melhor dizendo, eurocristão monoteísta – desterritorializou um povo. Se ele amaldiçoou a terra para aquele povo, este povo não poderia nem tocar naquela terra. Se ele disse que aquela terra estava oferecendo ervas daninhas e espinhos, ele disse que aquele povo não podia comer nem dos frutos, nem das folhas, nem de nada que aquela terra oferecia. Se ele disse que aquele povo tinha que comer com a fadiga do suor do seu rosto, nesse momento ele criou o trabalho como ação de sintetização da natureza. (p. 3)

Esse esforço em manter “limpas” as áreas de interesse do homem revela muito mais do que uma suposta luta contra o “mato” ou as “florestas daninhas” que crescem nas frestas de projetos civilizatórios e urbanos. Florestas que brotam nos terrenos baldios, nos canteiros esquecidos, nas margens de trilhos ou ruas, ecossistemas diferentes, em seus usos, ocupações e relações, soando muitas vezes como ruído, sujeira ou ameaça. Quando se fala no conceito de floresta como da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO ou do Sistema Nacional de Informações Florestais – SNIF, há uma aproximação, definindo-a como área de vegetação, evidenciando aspectos físicos, tamanho mínimo, uso de recursos e/ou medidas de conservação e manejo. Em vista disso, mantém-se institucionalmente um conceito restrito e, como traz a pesquisadora Carina Bernini (2015), para quem a natureza não é um dado intocado, mas uma construção política, cultural e econômica produzida a partir de interesses, as políticas de conservação ambiental seguem sendo a alternativa para assegurar os territórios, mas colaboram para a manutenção dos conflitos.

No dia 28 de maio de 2025, o Senado Federal aprovou o decreto legislativo que suspende decretos do poder executivo sobre demarcações de terras indígenas no Estado de Santa Catarina. Uma das áreas é a terra indígena Morro dos Cavalos, nas proximidades de Florianópolis. A terra indígena é atravessada por uma das principais rodovias do Brasil, a BR-101, porém é considerada ponto crítico, pelos constantes acidentes e quedas de barreiras, gerando bloqueios, transtornos e intensas horas de trânsito. Entidades federativas empresariais, como a Federação das Indústrias ou do Transporte de Cargas, pressionam o Governo e questionam a morosidade da execução de túneis no lugar, assim como o encarecimento da obra com o passar dos anos. A Comunidade Guarani Itaty/Morro dos Cavalos, a Comissão Guarani Nhemonguetá, o Conselho Estadual dos Povos Indígenas, o Conselho Indigenista Missionário e a Comissão de Apoio aos Povos Indígenas manifestaram-se favoráveis à construção do túnel desde os processos de licenciamento (2013-2014). O Estado de Santa Catarina, em acusação à Funai e à União, questiona a legalidade da demarcação, usando como justificativa a quantidade de 8 indígenas na região no ano de 1986:

[...] declarar a nulidade do processo administrativo de demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos; ou, sucessivamente, (b) declarar a inexistência do direito originário dos índios Guarani Nhandéva e Guarani Mbyá às terras demarcadas em Morro dos Cavalos. Na hipótese de não acolhimento de nenhum dos pedidos anteriores, pleiteia a demarcação da referida terra indígena nos 121,8 hectares indicados no primeiro estudo realizado pela FUNAI no mesmo processo administrativo ou, sucessivamente, a exclusão do leito da BR-101 Sul, sua faixa de servidão administrativa e a área dos túneis dos limites da área demarcada. (Estado de Santa Catarina, 2018, p. 1)

Schavelzon (2010, p. 152), ao etnografar o processo constituinte boliviano e relatar as negociações, muitas vezes assimétricas, fala também que a “perda de centralidade do olhar classista deu

lugar ao tema da gestão do território, que vai além da terra dos camponeses e informa as diferentes posições sobre a autonomia”, ampliando o sentido material, trazendo modos de existência, questões ecológicas, antropológicas, de pertencimento, de experiência coletiva, crenças, mundos e cosmologias. O autor fala da produção de uma nova lei a partir das perspectivas das maiorias indígenas e das transformações do Estado. No Brasil, a partir da Constituição de 1988 os indígenas e quilombolas, como coloca Bispo dos Santos, passam a ser reconhecidos como sujeitos de direito, condicionados a “escrita” como direito para regularização de suas terras:

Assim, discutir a regularização das terras pela escrita não significa concordar com isto, mas significa que adotamos uma arma do inimigo para transformá-la em defesa. Porque quem vai dizer se somos quilombolas não é o documento da terra, é a forma como vamos nos relacionar com ela. E nesse quesito nós e os indígenas confluímos. Confluímos nos territórios, porque nosso território não é apenas a terra, são todos os elementos. (2018, p. 7)

Sabe-se hoje, a partir de pesquisas paleoecológicas realizadas em diversos sítios do Brasil — como o Sambaqui Monte Castelo, em Rondônia, e o Sítio Arqueológico Copetti, em Santa Catarina —, que as florestas são ambientes profundamente modificados por práticas humanas. A paisagem foi (e continua sendo) moldada por conhecimentos indígenas sofisticados, promovendo a biodiversidade e a formação de solos férteis (Neves, 2022). Essas evidências sustentam propostas que rompem com a ideia de natureza isolada. Nessa perspectiva, espera-se questionamentos sobre a noção de “daninha” — isto é, “vegetais que crescem onde não são desejados” ou, ainda, “as circunstâncias do local e do momento determinam as que são desejadas ou indesejadas” (Lorenzi, 2008, p. 21). O Estado de Santa Catarina propôs a construção de um binário rodoviário como alternativa aos túneis no Morro dos Cavalos, proposta rejeitada pela comunidade indígena por implicar a supressão da vegetação e de seus modos de vida.

Neste sentido, o presente texto *rocambólide* intenciona “confluir” conteúdo jornalístico, processos de transformações dos territórios e apresentar produções artísticas com força centrífuga ou como plantas daninhas que permanecem no solo por mais de trinta anos. Tal qual o Caruru gigante (*Amaranthus retroflexus*) que, mesmo em condições ambientais satisfatórias para a germinação (mesmo assim) não ocorre a quebra de dormência, permanece invisível aos Marcos Temporais, aguardando o momento mais favorável e, assim, a terra devolve-se a si mesma e aos arranjos cosmológicos.

Referências

Bernini, C. I. (2015). *A produção da “natureza conservada” na sociedade moderna: uma análise do Mosaico do Jacupiranga, Vale do Ribeira-SP* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].

Bispo dos Santos, A. (2018). Somos da terra. *Piseagrama*, (12), 44–51. https://www.avadiversifica.com.br/pluginfile.php/350/mod_resource/content/1/BISPO-DOS-SANTOS_Somos%20da%20terra%20-%20Piseagrama.pdf

Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora/ Piseagrama.

Brasil. Senado Federal. (2025, 28 de maio). Plenário aprova sustação de decretos de demarcação em SC; texto vai à Câmara. *Agência Senado*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/05/28/plenario-aprova-sustacao-de-decretos-de-demarcacao-em-sc-texto-vai-a-camara>

Clément, Gilles. (2006) *O Jardim em Movimento*. Editorial Caminho.

Estado de Santa Catarina. (2018, 26 de março). *Ação cível originária nº 2.323. Relator: ministro Alexandre de Moraes*. Supremo Tribunal Federal. <https://www.pge.sc.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/Morrodoscavalos.pdf>

Favaretto, C. (1992). *A invenção de Hélio Oiticica*. Edusp.

Ingold, T. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>

Kinceler, J. L. (2007). Vinho saber: arte relacional em sua forma complexa. *Da Pesquisa*, 2(4), 212-219. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/16571/10703>

Lorenzi, H. (2008). *Plantas daninhas no Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas*. Instituto Plantarum.

Neves, E. G. (2022). *Sob os tempos do equinócio: Oito mil anos de história na Amazônia Central*. Todavia.

Rohrte, B. (2025, 6 de abril). Vídeo mostra momento em que carreta tomba, explode e chamas 'escorrem' no Morro dos Cavalos. *ND Mais*. <https://ndmais.com.br/transito/video-mostra-momento-em-que-caminhao-tomba-explode-e-chamas-escorrem-no-morro-dos-cavalos/>

Schavelzon, S. (2010). *A Assembleia Constituinte da Bolívia: etnografia do nascimento de um Estado Plurinacional*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].

Souza, D. de. (2025, 17 de junho). Entidades “pesadas” de SC se reúnem e apresentam mais uma solução para o Morro dos Cavalos. *ND Mais*. <https://ndmais.com.br/infraestrutura/entidades-pesadas-de-sc-se-reunem-e-apresentam-mais-uma-solucao-para-o-morro-dos-cavalos/>

Varela, A. (2009). *Um percurso nos Bólides de Hélio Oiticica*
[Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].

Virgílio (1963). *Geórgicas* (António Feliciano de Castilho, Trad.;
Edição bilingue). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

arte
:lugar
:ciade